

Mobilidade internacional na graduação em medicina: relato de experiência

International mobility in medical graduation: experience report

Iago Gonçalves Ferreira¹, Luciana Brandão Carreira², Nara Macedo Botelho³

¹Universidade do Estado do Pará (UEPA) – Belém (PA), Brasil.

²Departamento de Psiquiatria, UEPA – Belém (PA), Brasil.

³Departamento de Ginecologia, UEPA – Belém (PA), Brasil.

DOI: <http://dx.doi.org/10.7322/abcshs.v42i2.1013>

RESUMO

Introdução: A mobilidade acadêmica nas universidades apresenta-se como uma ferramenta para a internacionalização do ensino superior brasileiro, promovendo a inserção dos estudantes universitários em diferentes contextos culturais e educacionais, agregando tanto novos conhecimentos teóricos como habilidades sociais e linguísticas. **Relato de experiência:** Este artigo trata-se de um relato de experiência de um estudante de medicina viabilizado pelo programa de mobilidade internacional *Ciência Sem Fronteiras*, realizado no curso de Promoção da Saúde do Waterford Institute of Technology, na cidade de Waterford, Irlanda, no período de setembro de 2014 a julho de 2015. O relato apresenta as atividades acadêmicas desenvolvidas na instituição, bem como analisa a contribuição dos programas de intercâmbio para a graduação médica. **Conclusão:** A mobilidade internacional pode representar um importante instrumento para a formação médica, pois estimula o amadurecimento profissional e pessoal dos estudantes, ao expô-los a um cenário diferenciado, no qual são incitados a refletir sobre suas práticas e seu conhecimento, ao se deparar com o novo e o diferente. Tais contribuições podem representar o aprimoramento das habilidades médicas e humanísticas dos graduandos, configurando-se como um avanço para o ensino médico no Brasil.

Palavras-chave: educação médica; educação de graduação em medicina; estudantes de medicina; intercâmbio educacional internacional.

ABSTRACT

Introduction: The academic mobility in universities is presented as a tool for the internationalization of Brazilian higher education, promoting the inclusion of undergraduate students in different cultural and educational backgrounds, adding both new theoretical knowledge as social and language skills. **Experience report:** This article is an experience report from a medical student provided by international mobility program 'Science Without Borders', held in a course of Health Promotion in Waterford Institute of Technology (Waterford, Ireland), from September 2014 to July 2015. This report presents academic activities performed in that institution, as well as, analyzes the contribution of exchange programs to medical graduation. **Conclusion:** International mobility may represent an important tool for medical training according as, encourages the professional and personal growth of the students, to expose them to a different scenario in which they are incited to discover, consider their practices and knowledge, and to face the new and different. Such contributions may represent the improvement of medical and humanistic skills of the students, by setting up as a breakthrough for medical education in Brazil.

Keywords: education, medical; education, medical, undergraduate; students, medical; international educational exchange.

Recebido em: 06/09/2016

Revisado em: 30/01/2017

Aprovado em: 24/02/2017

Autor para correspondência: Iago Gonçalves Ferreira – Núcleo de Pesquisa e Extensão de Medicina, Universidade do Estado do Pará, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde – Travessa Perebebuí, 2.623 – CEP: 66087-670 – Belém (PA), Brasil – E-mail: iago_goncalves14@hotmail.com

Conflito de interesses: nada a declarar.

INTRODUÇÃO

A atual conjuntura mundial de globalização da economia, do comércio, da ciência e da tecnologia criou um cenário de interconectividade entre países e culturas. Nesse contexto, observa-se um intenso processo de internacionalização que impõe às organizações e às sociedades a adaptação a essa nova conjuntura¹.

Por essa perspectiva, as universidades, como fomentadoras do conhecimento, buscam conquistar seu espaço por meio da internacionalização de suas atividades. Tal processo ocorre sob diferentes formas de cooperação, promovendo o aprimoramento do ensino e da pesquisa, alicerces para o desenvolvimento econômico e a melhoria da qualidade de vida da sociedade¹.

O multiculturalismo advindo das interações entre pessoas de diferentes origens e culturas proporciona a formação de alunos mais críticos e reflexivos, que buscam conhecer distintas concepções do mundo². Diante da responsabilidade das universidades com a formação de cidadãos preparados para uma sociedade cada vez mais globalizada, a internacionalização do ensino superior surge como uma importante estratégia para o reconhecimento e o respeito pela diversidade cultural¹.

Sob esse panorama, a mobilidade acadêmica ou intercâmbio apresenta-se como uma valiosa ferramenta para a inserção de universitários em diferentes cenários culturais, oferecendo-lhes a oportunidade de vivenciar contextos acadêmicos diferentes. Essas experiências estudantis ocorrem em instituições conveniadas às universidades de origem dos alunos, por um período de tempo preestabelecido, com grande possibilidade de aproveitamento de disciplinas cursadas³.

Dessa maneira, o intercâmbio pode ser compreendido como um instrumento educacional para a troca de informações, crenças, culturas e vivências, o que proporciona o conhecimento de diferentes hábitos e costumes, cria novas perspectivas e auxilia na superação de dificuldades. Durante o período em mobilidade, o intercambista passa por um processo de adaptação a um ambiente diferenciado, o que envolve integrar-se com outra sociedade e enfrentar novos desafios⁴.

Nesse sentido, os programas de intercâmbio configuram-se como uma chance para a inserção e a compreensão de novos modos de vida, sistemas políticos e organizações sociais, além do aprendizado de um novo idioma⁵. Entretanto, para adentrar nesse tipo de iniciativa, os estudantes precisam estar preparados, pois serão requisitados a defrontar-se com ausência de familiares, alto grau de responsabilidade e, até mesmo, imprevistos. Logo, terão de demonstrar elevada dose de tolerância, desprendimento e capacidade de conciliação⁴.

Tendo como objetivo a internacionalização e o avanço da ciência e tecnologia nacionais, o governo brasileiro lançou, em 2011, o programa Ciências Sem Fronteiras. A iniciativa, inédita no país, buscava promover a mobilidade acadêmica internacional por meio do intercâmbio de graduandos e pós-graduandos em instituições de ensino superior estrangeiras⁶.

Além de ter propiciado o estudo de disciplinas no exterior, o programa também possibilitou o desenvolvimento de pesquisas com pesquisadores de outros países, outros referenciais teóricos e de campo, auxiliando no aprendizado de novos métodos sobre temáticas semelhantes, trazendo contribuições significativas para o país e para a comunidade científica nacional⁷.

Dessa maneira, este relato teve como finalidade apresentar a experiência de um estudante de medicina no programa de mobilidade internacional Ciência Sem Fronteiras, realizado no curso de Promoção de Saúde de uma instituição irlandesa, proporcionando uma análise crítica acerca das contribuições advindas dessas iniciativas para a graduação médica.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Um novo país, uma nova universidade

Diante da relevância profissional e intelectual que a realização de um intercâmbio pode proporcionar, além da oportunidade de crescimento pessoal e cultural, a escolha por participar do programa Ciência Sem Fronteiras apresentou-se como um grande desafio. Aprender um novo idioma, em contato direto com seus falantes, morar em outro país com outros costumes, outros hábitos, outra moeda; contexto totalmente novo e desconhecido, sem dúvidas seria uma experiência desafiadora e entusiasmante.

A decisão por participar do programa ocorreu ao cursar o oitavo semestre do curso de medicina da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Por meio da Coordenação de Relações Internacionais da instituição, obtive informações acerca dos requisitos necessários para inscrição e submissão às universidades estrangeiras. Dentre as exigências do edital, atingir o nível requisitado em um teste de proficiência em língua inglesa exigiu esforço e comprometimento, assim como atender às demandas do processo de inscrição no programa.

Em meio à gama de destinos disponibilizados pelos editais do Ciência Sem Fronteiras, a Irlanda foi o país escolhido. A pequena ilha de 70.273 km² localizada na costa oeste da Europa possui população de 4,6 milhões de habitantes e destaca-se quanto ao alto índice de desenvolvimento humano (IDH) de 0,89⁸. Com uma economia em forte crescimento e expansão nas últimas décadas, tornou-se conhecida pela denominação “Tigre Celta”. O contraste cultural em relação ao Brasil, acompanhado do elevado grau de desenvolvimento tecnológico e educacional, tornou interessante a realização do intercâmbio no país.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), responsável pelo Edital nº 162/2014, ofertou diversos cursos da área de Saúde em diferentes universidades irlandesas. Essas instituições estabelecem critérios específicos e independentes para as submissões das candidaturas dos estudantes. Após uma pesquisa apurada sobre as disciplinas ofertadas, os

requisitos mínimos para ingresso e a infraestrutura oferecida pelas instituições, despertou-me interesse o curso de *Health Promotion* (Promoção da Saúde) do Waterford Institute of Technology (WIT), na cidade de Waterford.

Waterford situa-se na costa sudeste da Irlanda, tem uma população de 46 mil habitantes, valor relativamente pequeno para os padrões brasileiros, no entanto, a cidade é a quinta maior do país⁸. O WIT oferece programas de ensino e de pesquisa em diversas áreas, da graduação ao doutorado, destacando-se como uma das mais importantes instituições de ensino superior da Irlanda.

As atividades acadêmicas e o curso

O WIT realiza suas atividades em quatro diferentes *campus*: Cork Road Campus, College Street, Granary e Applied Technology Building; sendo o primeiro o *campus* principal, que concentra a maior parte dos cursos.

O curso de *Health Promotion* (Promoção de Saúde) integra o departamento de Health, Sport and Exercise Science, tem como objetivo promover a introdução das definições e práticas em Promoção de Saúde, sendo o primeiro da Irlanda a receber, em 2015, a acreditação da International Union of Health Promotion and Education.

A abordagem adotada pelo currículo do curso possibilita aos graduandos o desenvolvimento de uma visão diferenciada acerca do processo saúde-doença, analisando os determinantes sociais, econômicos e culturais envolvidos e propondo uma abordagem mais humanizada. Considerando-se o modelo hospitalocêntrico e biomédico que ainda predomina nas faculdades de medicina brasileiras, a concepção de saúde singular proposta pelo curso representou uma excelente oportunidade de reflexão e desconstrução de paradigmas tradicionais.

O departamento de Health, Sport and Exercise Science ofereceu disciplinas envolvendo diferentes aspectos relacionados à Promoção de Saúde. Entre as opções oferecidas, optei por disciplinas como saúde pública, princípios da promoção de saúde, nutrição clínica e esportiva, saúde física e doença, rastreamento e avaliação de doenças, além de disciplinas eletivas, como línguas estrangeiras (alemão, francês e inglês). O ciclo de estudos iniciou-se em setembro de 2014 e foi concluído em maio de 2015, equivalente a dois semestres letivos.

As disciplinas eram ministradas sob a forma de aulas teóricas, aulas práticas e tutorias, em turmas com tamanho reduzido oferecendo possibilidades de interação entre intercambistas, professores e demais estudantes. As disciplinas relacionadas à saúde pública abrangiam conteúdos como sistemas de saúde ao redor do mundo e na Irlanda, conferências internacionais de saúde, aspectos sociais, econômicos e culturais relacionados à condição de vida das populações e a relevância da alimentação, das atividades físicas e os determinantes sociais nos padrões de saúde dos indivíduos. O eixo temático biomédico apresentava temas como métodos de rastreamento, doenças crônicas relacionadas a hábitos

de vida, alimentação saudável e elaboração de dietas específicas, entre outras temáticas correlatas.

As avaliações propostas pela universidade eram compostas de trabalhos acadêmicos, avaliações práticas e provas finais dissertativas. A organização curricular, a acessibilidade e disponibilidade dos professores e o contato com outro sistema de ensino e avaliação representaram, certamente, uma vivência única e memorável para um jovem universitário.

Pesquisa científica e projeto voluntário

Ao término do último semestre letivo, os intercambistas tiveram a possibilidade de realizar estágio ou pesquisa científica pelo período de dois ou três meses, em empresa ou instituição vinculada à universidade de destino, ainda no âmbito do programa Ciência Sem Fronteiras. Com o intuito de enriquecer a experiência no exterior e ampliar os conhecimentos sobre pesquisa científica, optei por essa modalidade, buscando a orientação de um docente da própria universidade.

O estudo proposto havia sido delineado ainda no Brasil, como parte do Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação de uma docente da UEPA. A pesquisa tratava-se de inquérito a respeito das atividades extracurriculares desenvolvidas por acadêmicos de saúde, bem como as motivações, as dificuldades e os prejuízos identificados pelos estudantes no desenvolvimento dessas atividades.

A investigação teve início após o aceite de co-orientação de uma docente do Waterford Institute of Technology, bem como a autorização do Departamento de Relações Internacionais da universidade. O contato com acadêmicos estrangeiros e suas atividades extracurriculares permitiu-me refletir sobre as diferenças e similaridades entre os distintos contextos universitários, no que concerne ao perfil e ao interesse dos acadêmicos, seus obstáculos e desafios. Os achados desse estudo compuseram um artigo científico enviado para publicação posterior.

Além da oportunidade de desenvolver uma pesquisa científica em uma instituição estrangeira, a experiência do intercâmbio também propiciou a integração com a comunidade da cidade de Waterford por meio da participação em um projeto de voluntariado organizado pela universidade. O *Access Office* é o órgão responsável por promover os projetos voluntários da instituição; por meio dele, os estudantes podem participar, por livre-iniciativa ou como atividade complementar, de algumas disciplinas dos cursos de saúde. O projeto *Learning for Life* consiste no acompanhamento das atividades escolares de crianças provenientes de escolas locais por estudantes universitários, propiciando a integração entre os ensinamentos básico e superior. Os alunos desempenham as tarefas escolares sob a supervisão de professores e acadêmicos, bem como realizam atividades lúdicas em diversas áreas, como computação, ciências da saúde, música, artes e esportes. Dessa forma, o projeto visa gerar um impacto positivo no rendimento escolar das crianças e no desenvolvimento de didática, altruísmo e cidadania nos universitários.

DISCUSSÃO

No Brasil, o currículo médico predominante nas universidades privilegia o modelo flexneriano de ensino, amplamente difundido após as recomendações do Relatório Flexner, em 1910⁹. Esse modelo caracteriza-se pelo enfoque hospitalocêntrico e fortemente tecnicista, com a fragmentação de conteúdos sob a forma de diversas especialidades, apresentando grade curricular, em muitos casos, estática e pouco suscetível a alterações.

Diante dessa conjuntura, as atividades acadêmicas que permitem a flexibilidade curricular, como a mobilidade internacional, consistem em relevantes alternativas para o estímulo à autonomia dos graduandos, na medida em que permitem a seleção das experiências com as quais os alunos apresentam maior interesse em se envolver¹⁰.

A experiência da mobilidade internacional proporciona ao intercambista o aprendizado com diferentes hábitos de vida, costumes, moeda e língua, tornando necessária a adaptação do estudante a um cenário distinto. Os conflitos, as tensões e as contradições naturalmente vivenciadas por meio do encontro de membros de diferentes culturas propiciam o diálogo e o debate de ideias, construindo um ambiente favorável à cooperação e ao aprendizado¹¹. Tais contribuições tornam-se extremamente relevantes para a formação profissional, tendo em vista que a prática médica requer a capacidade de conciliação, adaptação e empatia por parte dos profissionais.

Ademais, a proficiência em uma segunda língua adquirida por meio dessas experiências forma profissionais atualizados e com currículo melhor qualificado, considerando que grande parte das publicações científicas na área médica apresenta-se em outros idiomas, principalmente em inglês¹².

Outra importante perspectiva consiste na globalização, que intensificou o fluxo de pessoas, mercadorias e patógenos entre os países. Dessa maneira, os riscos à saúde passam a apresentar causas e consequências globais, fazendo com que os graduandos de medicina ampliem seu interesse acerca da saúde global e dos determinantes sociais, econômicos e políticos que a influenciam¹³. Nesse sentido, o contato com diferentes sistemas de saúde e o aprendizado sobre suas respectivas formas de organização e funcionamento configuram-se em uma valiosa oportunidade de aprofundamento da visão a respeito da saúde.

Além desse aspecto, a experiência com modelos distintos de relação médico-paciente e a interação com outros profissionais

podem aperfeiçoar as habilidades de interação social e as competências interculturais dos graduandos¹¹.

O desenvolvimento de pesquisas científicas configura-se como outra oportunidade possível aos estudantes durante a mobilidade internacional. Por meio da interação com outros pesquisadores, os estudantes podem executar atividades em uma linha de pesquisa em universidades estrangeiras, adquirindo novas práticas e técnicas⁷. Segundo Guedes¹⁴, entre as qualidades esperadas de um bom médico estão aquelas atribuídas ao bom pesquisador, como minúcia, precisão na coleta e na análise de dados, além da capacidade de pensar além de parâmetros estabelecidos.

Em contrapartida, vale ressaltar que, se realizada sem o planejamento adequado, negligenciando-se os componentes curriculares da instituição de origem, ou em ambientes adversos ao engajamento intercultural, a mobilidade internacional pode ocasionar prejuízos ao aprendizado, como a incompatibilidade de conteúdos e a dificuldade de comunicação¹⁵. Ademais, aspectos como rigidez curricular demasiada, que dificulta o aproveitamento de disciplinas cursadas no exterior, carência de comunicação entre docentes brasileiros e estrangeiros acerca das atividades dos alunos, bem como dificuldade de monitoramento dos intercambistas pelos órgãos de fomento aos programas, ainda consistem em relevantes entraves que precisam ser discutidos e solucionados por meio de planejamento e cooperação entre os entes envolvidos.

Em vista disso, os programas de intercâmbio universitário devem ser delineados considerando-se o caráter intrínseco de “visitante estrangeiro” que os intercambistas carregam¹⁵, propiciando o seguimento apropriado das atividades estudantis, a fim de minimizar possíveis obstáculos ao aprendizado, evitando baixos desempenhos e, conseqüentemente, o desperdício de recursos das agências fomentadoras.

Diante do exposto, é possível inferir que a mobilidade internacional pode representar um importante instrumento para a formação médica, visto que estimula o amadurecimento profissional e pessoal dos estudantes, ao expô-los a um cenário distinto e desconhecido, no qual são incitados a se descobrir, refletir sobre suas práticas e conhecimento e a se deparar com o novo. Tais contribuições podem estimular o aprimoramento das habilidades médicas e humanísticas dos graduandos, configurando-se como um avanço para o ensino médico no Brasil.

REFERÊNCIAS

1. Stallivieri L. O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior. *Rev Cons Reit Universid Bras*. 2002;24(48):35-57.
2. Lima MC, Maranhão CMSA. Políticas curriculares da internacionalização do ensino superior: multiculturalismo ou semiformação. *Ensaio: Aval Pol Públ Educ*. 2011;19(72):575-98. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362011000400007>
3. Costa BEP, Hentschke MR, Silva ACC, Barros A, Salerno M, Polide-Figueiredo CE, *et al*. Reflexões sobre a importância do currículo informal do estudante de medicina. *Sci Medica*. 2012;22(3):162-8.
4. Oliveira MG, Pagliuca LMF. Programa de mobilidade acadêmica internacional em enfermagem: relato de experiência. *Rev Gaúcha Enferm*. 2012;33(1):195-8. <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-14472012000100026>

5. Dalmolin IS, Pereira ER, Silva RMCRA, Gouveia MJB, Sardinheiro JJ. Intercâmbio acadêmico cultural internacional: uma experiência de crescimento pessoal e científico. *Rev Bras Enferm.* 2013;66(3):442. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672013000300021>
6. Brasil. Ministério da Educação e Ministério da Ciência e Tecnologia. O Programa Ciência sem Fronteiras. Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>. Acesso em: 16 jan. 2016.
7. Lourenço I. Intercâmbio é o novo recurso da Iniciação Científica. 2012-2013. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaa3/files/2013/10/52.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2016.
8. Central Statistics Office (CEO). Census 2011: Ireland and Northern Ireland. Northern Ireland Statistics and Research Agency. 2014;9-13.
9. Silva RMCRA, Pereira ER, Santo FHE, Silva MA. Cultura, saúde e enfermagem: o saber, o direito e o fazer crítico-humano. *Rev Eletrônica Enferm.* 2008;10(4):1165-71.
10. Fior CA, Mercuri E. Formação universitária e flexibilidade curricular: importância das atividades obrigatórias e não obrigatórias. *Psicol Educ.* 2009;29:191-215.
11. Jacobs F, Stegmann K, Siebeck M. Promoting medical competencies through international exchange programs: benefits on communication and effective doctor-patient relationships. *BMC Med Educ.* 2014;14:43. <http://dx.doi.org/10.1186/1472-6920-14-43>
12. Chehuen Neto JA, Sirimarco MT, Cândido TC, Ferreira IA, Campos RCF, Martins SC. Students' perspectives on the parallel curriculum in medical schools. *Rev Méd Minas Gerais.* 2013;23(4):467-78. <http://dx.doi.org/10.5935/2238-3182.20130073>
13. Rowson M, Smith A, Hughes R, Johnson O, Maini A, Martin S, *et al.* The evolution of global health teaching in undergraduate medical curricula. *Global Health.* 2012;8:35. <http://dx.doi.org/10.1186/1744-8603-8-35>
14. Guedes HTV, Guedes JC. Avaliação, pelos estudantes, da atividade "Trabalho de Conclusão de Curso" como integralização do eixo curricular de iniciação à pesquisa científica em um curso de medicina. *Rev Bras Educ Med.* 2012;36(2):162-71. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022012000400003>
15. Lindley J, McCall L, Abu-Arab A. Visitor or inhabitant? Addressing the needs of undergraduate transnational medical students. *J Studies Int Educ.* 2013;17(1):79-96. <http://dx.doi.org/10.1177/1028315311431894>

